



REFORÇAR

Intervenção

Autoria: Alexandra Reis / Luís Faisca / Tânia Fernandes

LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

Edição: Andreia Lobo

Todos os programas de intervenção eficazes têm cinco pontos em comum que podem ser usados como estratégias com alta probabilidade de eficácia na instrução de crianças com e sem dificuldades de leitura: intervenção focada, reduzido número de participantes, elevada intensidade, método fónico, atividades ativas e estruturadas de leitura.

Pontos-chave de um programa de intervenção eficaz

Do ponto de vista teórico e da investigação fundamental, as dificuldades de leitura são bem compreendidas. A investigação internacional, em que o Reino Unido e os Estados Unidos da América têm tido um papel importante visto terem painéis governamentais de observação, investigação, e regulamentação sobre o tema, identificou cinco fatores-chave para a eficácia do ensino da leitura e o sucesso nesta aprendizagem:

1. A consciência fonémica;
2. O treino fónico do princípio alfabético e das correspondências grafema-fonema;
3. A fluência de leitura;
4. O vocabulário;
5. A compreensão oral.

Existem programas de intervenção delineados especificamente para leitores com dificuldades na aprendizagem da leitura. Mas poucos são aqueles, mesmo a nível internacional, que são padronizados e cujo grau de eficácia é objetivamente conhecido, tendo em conta o rigor e a avaliação independente da própria intervenção. Não é estranho que assim seja porque, para avaliar a eficácia terapêutica deste tipo de intervenções, é importante averiguar quão eficaz é uma intervenção e quão replicável é a sua eficácia. Um dos aspetos fundamentais na avaliação de uma intervenção é a utilização de medidas objetivas de leitura com materiais diferentes (palavras, pseudopalavras, frases, textos) dos adotados durante a intervenção.

O **objetivo fundamental de qualquer programa de intervenção de leitura** é que haja **transferência das competências aprendidas**. Dito de outro modo, pretende-se que as crianças se tornem realmente melhores leitores de qualquer material e não simplesmente melhores leitores do material treinado! Por isso é tão importante que, no ensino da leitura e no treino destas competências, quer em sala de aula, quer em programas de intervenção,

não seja usado o material que é usado em testes padronizados de avaliação neuropsicológica da leitura. Numa avaliação objetiva, queremos identificar, o mais próximo possível do real, o nível de leitura das crianças (para qualquer material) e não a sua capacidade de leitura (por repetição) de material treinado.

Na avaliação da eficácia de um programa de intervenção é **importante averiguar se e em que grau um programa é mais vantajoso na promoção de competências de leitura do que a instrução em sala de aula no ensino regular**. Nas poucas [meta-análises](#) realizadas sobre programas de intervenção e que adotaram critérios rigorosos e objetivos de avaliação de eficácia, identificaram-se cinco condições de sucesso numa intervenção (vide Slavin e colaboradores, 2011, 2018).

Até 2019 nenhum programa desenvolvido em Portugal cumpre critérios de avaliação de eficácia objetiva e independente, como nos chamados programas de intervenção baseados em evidência. Por isso, não é possível garantir que algum programa de intervenção desenvolvido em Portugal seja efetivamente eficaz. Contudo, sabemos que as estratégias de intervenção usadas com crianças com dificuldades de leitura são também eficazes e úteis para crianças sem dificuldades. Haverá sempre crianças para quem a aprendizagem da leitura é um desafio maior, mesmo quando o ensino da leitura é excelente. No entanto, este número será certamente menor e as dificuldades mais manejáveis se o ensino em sala de aula para todas as crianças usar estratégias de instrução eficazes.

Todos os programas de intervenção eficazes têm cinco pontos em comum que podem ser usados como estratégias com alta probabilidade de eficácia na instrução de crianças com e sem dificuldades de leitura:

1. Intervenção focada

A intervenção deve ser motivante, intensiva e **focada cuidadosamente nas competências críticas**, não perdendo de vista o interesse e a motivação da criança nas atividades propostas, de modo a alcançar as metas da intervenção. Criar oportunidades para que as crianças desfrutem da leitura lança a escada para que processos de autoaprendizagem ocorram - e são fundamentais para a automatização da leitura -, traduzindo-se numa leitura rápida e precisa (fluenta) que seja predominantemente realizada através da via lexical (de que falámos aquando da referência aos modelos de desenvolvimento da leitura). Assim, é importante que, desde cedo, se encontrem formas de motivar a criança para atividades de (e relacionadas com) leitura e em que, desde o início, as crianças possam usar as suas (mesmo que incipientes) competências de leitura.

2. Reduzido número de participantes

Os programas de um-para-um em regime tutorial com um professor são os mais eficazes. Contudo, quando os recursos económicos são reduzidos, programas bem estruturados **com grupos pequenos de menos de cinco crianças** são muito eficazes. Os programas de menor eficácia são aqueles com grupos maiores e em que a intervenção é feita por voluntários sem formação especializada.

3. Elevada intensidade do programa

Os programas mais eficazes são aqueles em que **sessões curtas de 20 a 40 minutos decorrem entre três a cinco dias por semana**, e durante **pelo menos 12 semanas**. Quanto mais intenso, continuado e prolongado for o programa, melhores serão os resultados na leitura. O ensino colaborativo em que a intervenção continua dentro da sala de aula (no ensino regular) conduz a um ganho significativo na eficácia da intervenção, embora não elimine a importância da intervenção individual (tutorial de um-para-um). O foco nas estratégias de ensino da leitura usadas em sala de aula com o objetivo de melhorar o desempenho de leitura de todos os alunos (e não só daqueles com dificuldades) é fundamental. Portanto, a intervenção não deve ser um momento agudo e isolado no tempo, mas deve continuar por mais do que um ano escolar.

4. Método fónico explícito e sistemático

Programas com forte ênfase no ensino fónico (ou seja, ensino do princípio alfabético e das correspondências grafema-fonema), estruturado, sistemático (com construção gradual de competência e conhecimentos, ao mesmo tempo que se dá oportunidade para a interação ativa por parte das crianças), e diretivos revelaram-se os mais eficazes.

5. Atividades ativas e estruturadas de leitura

Atividades orientadas para o ensino do princípio alfabético e das correspondências grafema-fonema, frequentemente apelidadas de métodos fónicos; ensino do conhecimento de letras e da correspondência grafema-fonema; leitura repetida de livros familiares; leitura em voz alta pela criança; composição e escrita de frases; reconstrução de frases; introdução de novos livros e treino de compreensão do material lido. Estas **tarefas devem ser adaptadas ao nível de instrução**, mas **devem incluir** quer **leitura**, quer **escrita**, **pela criança e com *feedback* e correção**. O tempo e o envolvimento da criança em tarefas de leitura e escrita é um preditor importante desta aprendizagem (Vaughn & Wanzek, 2014). De acordo com a literatura científica recente, sabe-se que a leitura e a escrita se reforçam mutuamente e que a aprendizagem da leitura, quer no plano cognitivo, quer cerebral, ocorre de forma mais eficaz quando acompanhada de atividades de escrita (para uma revisão, ver James, 2017). Desta forma, **atividades de leitura e de escrita devem realizar-se no mesmo curso temporal e não ser introduzidas de forma sequencial**.